



ENSINO SOBRE PROMOÇÃO DA SAÚDE DA POPULAÇÃO LGBTQIAPN+ NO BRASIL – UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Diego Gabriel Santos de Oliveira

Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) e bolsista da CAPES

Marcela Martins Furlan de Léo

Professora do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) marcela.leo@uffs.edu.br

1. Introdução

A Constituição Federal de 1988 e o Sistema Único de Saúde (SUS) pretendem assegurar o direito à saúde universal e equânime no Brasil, no entanto, as necessidades de saúde da população de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans/ travestis, Queer, Interssexuais, Assexuais, Pansexuais, Gênero Não Binário e outras posicionalidades sexuais e de gênero (LGBTQIAPN+), minoria social de origem sexual e de gênero, são frequentemente negligenciadas devido a barreiras estruturais, como discriminação, falta de preparo dos profissionais de saúde e LGBTfobia institucional (Miskolci et al., 2022). Apesar dos avanços que asseguram os direitos do grupo, o Brasil lidera o ranking mundial de assassinatos de pessoas trans (Antra, 2025) e a população LGBTQIAPN+ enfrenta maiores riscos de adoecimento mental, suicídio e infecções sexualmente transmissíveis (ISTs), em comparação com a população geral (Brasil, 2024; OMS, 2022), refletindo determinantes sociais como exclusão familiar, desemprego e estigma, que limitam o acesso a saúde e perpetuam ciclos de vulnerabilidade (Ayres, 2000; Rocon et al., 2020).

Nesse contexto, a formação em saúde emerge como ferramenta central para transformar práticas profissionais e sociais que possam contribuir com um modelo equitativo de promoção de saúde que responda às necessidades do grupo. Para tanto este estudo objetiva relatar a experiência de ensino sobre promoção da saúde LGBTQIAPN+ para enfermeiros pós-graduandos em Enfermagem, realizada no formato de seminário proposto pelo Programa de Pós Graduação em Enfermagem (Mestrado Acadêmico) da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS).



2. Metodologia

Trata-se de um relato de experiência de ensino baseada na estratégia metodológica da roda de conversa (Melo et al., 2016) sobre promoção da saúde LGBTQIAPN+, mediada por um enfermeiro, integrante da comunidade LGBTQIAPN+, estudante do curso de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Enfermagem (Mestrado Acadêmico), área de concentração Enfermagem em Saúde Coletiva, do Programa de Pós-graduação em Enfermagem (PPGEnf) da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, no contexto da disciplina Promoção da Saúde a Grupos Vulneráveis em Região de Fronteira. O público-alvo foi composto por seis enfermeiros mestrandos do mesmo Programa, 2 homens cisgênero e 4 mulheres cisgênero, empregados em serviços públicos da Atenção Primária em Saúde, hospital de alta complexidade e serviços de emergência da região oeste catarinense.

A roda de conversa foi eleita diante de sua proposta de construção dialógica, democrática e coletiva do conhecimento (Sampaio et al., 2014), pautada nas construções pedagógicas progressistas de natureza freiriana, que ao afirmar que “Ninguém educa ninguém, ninguém se educa sozinho, os homens se educam em comunhão” (Freire, 1970, p. 67), desconstrói a educação bancária, tradicionalista e apresenta a partir da comunhão entre saberes, uma educação problematizadora. Trata-se de uma metodologia pedagógica, pautada na coletividade e na subjetividade, que assegura vez e voz aos participantes e sua conotação circular permite que os olhos se atravessem e oportuniza revisitações a experiências pessoais, enriquecendo suas reflexões, elucidando a força formativa das expressões da fala, do fazer e do pensar, tornando o que poderia ser uma simples conversa um conjunto de atributos culturais, históricos e políticos do coletivo (Oliveira; Gama, 2024), particularmente desejável para problematizar a complexidade da promoção da saúde de grupos minoritários, atravessados por representações sociais. A roda de conversa ocorreu durante todo o turno noturno, proposto pela disciplina, em torno de três horas de duração.

Quando os presentes se organizaram em roda, foram utilizadas três estratégias, em torno das quais foram provocados a verbalizar suas experiências com o grupo LGBTQIAPN+, percepções, indagações e crenças: 1. Pergunta disparadora; 2. Explanação estruturada e 3. Exibição de documentário temático. A pergunta disparadora



foi: “Como promover saúde para a população LGBTQIAPN+?”, deflagrando o início da discussão a partir dos saberes pertencentes e das experiências de cada participante, permitindo o diálogo guiado (Melo et al., 2016). O facilitador prosseguiu com uma explanação estruturada, com recurso áudio visual, que buscou sistematizar o conhecimento sobre o processo saúde doença e promoção da saúde LGBTQIAPN+ a partir de evidências científicas, contextualização histórica e políticas públicas vigentes. Em seguida foi exibido o documentário Rainha da Lapa, que retrata aspectos da vida de Luana Muniz, travesti e ativista pelos direitos LGBTQIAPN+, que foi escolhido para representar como os determinantes sociais de saúde geoeconômicos, sociais, culturais e políticos operam sobre a produção da saúde e de adoecimento de mulheres trans e as vulnerabilizam, a exemplo da exclusão social e a venda de seus corpos, como meio de sobrevivência, exigindo intervenções macrossociais e de saúde equânimes.

3. Resultados e discussão

Foi possível verificar um déficit no conhecimento dos enfermeiros sobre a história, as lutas, estigmatização, privação de direitos e barreiras de acesso à saúde LGBTQIAPN+, que tendem a repercutir em práticas de saúde focadas em sintomas, alienadas das particularidades do processo saúde doença de pessoas LGBTQIAPN+, destituídas de equidade, já que negligenciam sua diversidade. Na roda de conversa um dos pontos centrais debatidos foi o impacto da LGBTfobia na saúde mental dessa população. Para a construção da discussão do presente relato, compilou-se os resultados da experiência em duas categorias temáticas:

Vulnerabilidade da população LGBTQIAPN+ e efeitos sobre a promoção da saúde

Explanou-se que pessoas LGBTQIAPN+ têm risco 50% maior de automutilação e suicídio em comparação à população geral e esse cenário é agravado por fatores como a rejeição familiar, o desemprego, a pobreza e a violência de natureza LGBTfóbica, que estigmatizam, marginalizam e tornam esse grupo mais vulnerável ao adoecimento psíquico e ao uso abusivo de substâncias. O documentário ilustrou essas questões ao mostrar a realidade de travestis que são empurradas para a prostituição e enfrentam exclusão social e dificuldades de acesso a direitos básicos, como moradia e saúde (Scheim et al., 2022; BRASIL, 2024), mobilizando os participantes para compreender a produção



do adoecimento e vulnerabilidade no contexto de complexidade do tema.

Estratégias de promoção de cuidado no âmbito acadêmico para a População LGBTQIAPN+

Diante desses desafios, os participantes foram provocados para propor estratégias prioritárias para a promoção da saúde LGBTQIAPN+ e destacaram a inclusão da temática no processo formativo desde a educação básica, transversalizando o currículo profissional, com enfoque em direitos humanos e humanização do cuidado, pois nos distintos serviços, as peculiaridades da produção social da saúde da população LGBT se mostraram desconhecidas pelos profissionais. Discutiu-se que a falta de informação, bem como a desinformação estigmatizante, e a lgbtfobia são fatores que podem colaborar com as ações discriminatórias em saúde acentuando vulnerabilidades sobre este público (Melo et al., 2020). Como síntese, a transversalização da temática sobre processo saúde doença e promoção social da saúde LGBTQIAPN+ na formação em saúde foi eleita como proposta necessária e *sine qua non* no processo de promoção de saúde desta população, porque pode favorecer, potencializar ou limitar e inviabilizar o cuidado e porque coloca em questão o que é esse cuidado, no contexto dos determinantes sociais de saúde. Destacou-se necessário que os espaços institucionais sejam ocupados por pessoas pertencentes a esta população para fomentar ações que reduzam violências (Melo et al., 2020; Miskolci et al., 2022; Costa-Val et al., 2022).

A experiência oportunizou ao mediador um debate horizontalizado, e teve como principais desafios alcançar com o público a complexidade da promoção da saúde LGBTQIAPN+ diante das representações sociais e do contexto formativo tradicional conteudista em saúde, que tende a fragmentar e reduzir este fenômeno no campo da saúde. A roda de conversa operou como importante metodologia para desvelar esses fatores dificultadores e para reduzir defesas e resistências do público. Como limitações, cita-se o número de participantes, bem como a ausência de um modelo de avaliação e registro audiovisual da experiência.

4. Considerações finais

A produção social da saúde da população LGBT é multidimensional e exige que a temática seja priorizada na educação básica, na formação em saúde e nas agendas



públicas de saúde e de pesquisa em saúde, exigindo abordagens formativas progressistas que pretendam dirimir a estigmatização e desinformação e nortear a prática de cuidado equitativo a estas pessoas.

Referências

ANTRA (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS). Relatório de mortes violentas de pessoas trans no Brasil em 2024. Brasília: ANTRA, 2025.

AYRES, J. R. C. M. Vulnerabilidade e AIDS: para uma resposta social à epidemia. In: CÁCERES, C. et al. (Org.). *La respuesta social al VIH/SIDA en América Latina y el Caribe*. Lima: ONUSIDA, 2000. p. 21–36.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. *Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (PNSI-LGBT)*. Brasília: Ministério da Saúde, 2011.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Boletim epidemiológico**, v. 55, n. 4, 2024. Brasília: Ministério da Saúde, 2024.

*Luana Muniz – Filha da Lua [por] Rian Córdova e Leonardo Menezes. [Rio de Janeiro,; s,n]. 2017. 1 video (60:10 min). publicado pelo canal Lira Filmes. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QbdlqtRI2IA>. Acesso em: 29 maio 2025.

MISKOLCI, Richard et al. Desafios da saúde da população LGBTI+ no Brasil: uma análise do cenário por triangulação de métodos. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 10, p. 3815–3824, out. 2022.

OLIVEIRA, Priscila Borges Ribeiro; GAMA, Renata Prenstteter. Roda de Conversa: um instrumento metodológico tecnológico-formativo-coletivo na pesquisa em educação. **Revista Educação e Políticas em Debate**, [S.L.], v. 2, n. 13, p. 1-14, 29 abr. 2024.

SCHEIM, A. I. et al. Saúde e cuidados de saúde entre adultos transgêneros nos Estados Unidos. **Annual Review of Public Health**, v. 43, p. 503–523, 5 abr. 2022.

ROCON, Pablo Cardozo et al. Acesso à saúde pela população trans no Brasil: nas entrelinhas da revisão integrativa. **Trabalho, Educação e Saúde**, [s.l.], v. 18, n. 1, p. 1–18, fev. 2020. DOI: 10.1590/1981-7746-sol00234.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 60. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.